



## DOSSIÊ ENRIQUE DUSSEL

Enrique Dussel faleceu em novembro de 2023, após uma vida dedicada ao trabalho. Sua obra está destinada a se tornar um marco na história da América Latina, embora seu alcance seja global. Com dezenas de títulos e as múltiplas etapas de sua trajetória teórica, Dussel jamais deixou de se engajar com questões acadêmicas e políticas. Sem pretender ser exaustivo, podemos afirmar que sua ética estabeleceu o padrão para a criação de um sistema categórico radicalmente diferente do dialético conhecido no Ocidente. Este é precisamente o primeiro ponto que apresentamos ao leitor. Sem tentar apresentar os artigos desta edição em ordem cronológica, a primeira seção aborda a trajetória intelectual de nosso mentor, bem como o arcabouço teórico que constitui seu sistema categórico definidor. A segunda seção explora o mais importante diálogo Norte-Sul na filosofia latino-americana: o diálogo entre a ética do discurso de Apel e a ética da libertação de Dussel. A terceira seção apresenta a reinterpretação criativa de Marx por Dussel a partir de três perspectivas distintas. Finalmente, na última seção, propomos quatro reações, quatro respostas, se por isso entendermos respostas à versatilidade na recuperação da obra de Dussel. Examinemos cada uma delas com mais detalhes.

Na primeira seção, o texto de Gandarilla mostra que o exílio de Dussel no México foi extremamente criativo e frutífero, visto que ele se viu dividido entre posições difíceis de adotar no meio acadêmico (como o positivismo ou o materialismo histórico) e percebeu a necessidade de criar sua própria escola de pensamento. Ele não esteve isento de obstáculos; apesar disso, o apoio que recebeu por seu trabalho sobre a Igreja e por sua própria obra filosófica serviu para que ele continuasse a adotar Levinas e finalizasse a definição de seu sistema categórico. E daí para a ética definitiva de 1998 e suas obras subsequentes; talvez a mais importante delas seja sua política (2007-2022). Gandarilla foi aluno direto do Professor Dussel, portanto seu texto tem a característica específica de ser um relato testemunhal com o rigor de dados concretos da história intelectual de nossa pátria.

Por outro lado, Diehl e Vellez propõem-se a descrever uma parte do sistema categórico de Dussel. Sabemos que Totalidade e Exterioridade é o binômio central de seu pensamento. Este texto exige a atenção do leitor, pois recupera os pontos mais importantes dos primeiros trabalhos de Dussel, nos quais ele revisita Heidegger. Ele o revisita fazendo uma crítica com a qual pretende superar sua posição filosófica; ele consegue isso somente por meio de Levinas. Os autores demonstram claramente o radicalismo de Levinas não apenas em sua proposta

teórica, mas também porque ele próprio é representante do elemento cultural (semítico) que confronta o eurocentrismo dos alemães. Um aspecto significativo deste texto que apresentam é a incorporação de Fanon ao debate. Com isso, o texto assume uma perspectiva culturalista, oferecendo ao leitor uma visão geral da trajetória intelectual de Dussel, a partir da qual ele pode estender as explicações históricas para considerá-las no âmbito da transmodernidade.

Na segunda seção, apresentamos leituras propostas para o diálogo entre Apel e Dussel. Este diálogo teve repercussões significativas para Dussel, a ponto de definir parte de seu sistema categórico com base na articulação do formal (a linguagem em uma comunidade de comunicação) e do material (na medida em que se refere aos objetos com os quais confrontamos o mundo). A leitura de Durán concentra-se na preeminência da vida (de uma perspectiva material) como anterior à linguagem. Mas não só isso: trata da alteridade viva e sofredora (versus discurso) que se afirma diante da adversidade circunstancial; é uma comunidade da vida como o início de todo discurso possível. Lago, por sua vez, concentra-se na questão da intersubjetividade. Nesse sentido, a recuperação do diálogo anterior entre Dussel e Scannone emerge com particular significado na história da filosofia latino-americana. Mas também é relevante posteriormente no diálogo com a Escola de Frankfurt. Assim, propõe eixos de articulação argumentativa com: Adorno/Benjamin, Scannone/Dussel e Apel/Habermas. Com esses eixos, demonstra-se a emergência do "nós" histórico corporificado nos mais vulneráveis, que representam o ponto de virada concreto da crítica: os pobres, os marginalizados, as massas empobrecidas.

Em terceiro lugar, Teruel aventura uma reflexão sobre a possível superação do capitalismo; certamente, a recuperação de Marx por Dussel é central para sua proposta. Essa superação pressupõe uma compreensão profunda do capitalismo, mas também da história em que ele se desenvolveu até os dias atuais. A questão é que há um elemento culturalista que permeia essa reflexão; a saber, a economia equivalente. Esta é uma prática essencial dos povos indígenas da grande pátria. No entanto, não se trata de um retorno a formas de organizar a coexistência humana com a natureza, mas sim de uma interpretação de sua prática dentro da estrutura da transmodernidade. Isso implicaria um engajamento com os fatos históricos, visto que a orientação normativa das sociedades deve colocar a racionalidade da vida no centro de suas estratégias de longo prazo. A análise de Teruel é monumental, mas absolutamente necessária para uma possível transformação futura.

Com certa afinidade temática, Téllez propõe uma revisão das críticas feitas ao eurocentrismo. Longe de esgotar o tema, observamos que Dussel entrou no debate com o que

o autor chama de segunda crítica; para a qual o filósofo inseriu os preceitos éticos de sua crítica da história. Sua forte adesão à economia crítica fornece estrutura suficiente para contemplar a história em escala global e suas diversas dinâmicas, não isentas de atrocidades, mas também com benefícios culturais que desfrutamos até hoje. Consideramos a terceira crítica como uma continuação do trabalho de Dussel, que oferece amplo espaço para futuras discussões.

Com Capiotti, afirmamos que a neutralidade axiológica não existe. Essa posição é quase inteiramente adotada pela escola da filosofia da libertação, seja explícita ou implicitamente. Se existisse, não haveria compromisso. Falar de práxis da libertação é sinônimo de falar de uma prática comprometida com aqueles que, em última instância, sofrem os efeitos negativos do sistema que os oprime. É por isso que Capiotti se baseia em Marx e Freire; porque ele precisa, por um lado, da realidade material da vítima. Por outro, ele precisa da conscientização como aquisição de um compromisso histórico. Isso exige ação, mobilização e um impulso para uma libertação real, concreta e histórica.

Pimentel, também recuperando Freire, defende uma ruptura epistemológica que surge da relação entre o educador crítico e o educando, cujo conhecimento pode ser fragmentado; contudo, essa relação é criativa na medida em que cria e recria conhecimento articulado. O diálogo entre eles traduz o conhecimento em uma interpretação verdadeira e profunda da realidade. Comunidade e práxis são os elementos mais importantes desse diálogo, resultando em conscientização. Dussel posiciona o pensamento de Freire como uma teoria contra-hegemônica, onde as vítimas são aqueles que exercem uma crítica eficaz ao inédito viável. Trata-se da comunidade da vida em comunidade, onde ambas convergem. No entanto, para Dussel, a pedagogia ainda fará parte de um caminho rumo à política de libertação.

A quarta e última seção demonstra a versatilidade do nosso autor. O desenvolvimento de um sistema categórico no campo da filosofia permitiu a Dussel dialogar com diversas disciplinas, como teologia, história, economia, política e estética. Versátil não apenas pelo que ele próprio foi capaz de fazer com seu sistema, mas também pelo que nós, a partir de nossas próprias circunstâncias e perspectivas, podemos fazer com ele. E esse é o aspecto verdadeiramente significativo do legado que ele nos deixa: trata-se de uma ferramenta teórica que nos permite continuar a utilizá-la sempre que necessário para interpretar o nosso mundo.

Assim, Fabelo aprofunda-se na fase final da obra de Dussel para oferecer um amplo espectro de autores que defendem a sua perspectiva estética sem negligenciar a presença da estética da libertação. Em maior ou menor grau, a referência à crítica do conceito de beleza (a pedra angular da sua estética) ainda é incipiente, visto que as suas teses ainda não foram

publicadas. Contudo, este leque de vozes jovens demonstra que há muito a explorar com base nas conquistas da estética da libertação.

A interculturalidade sempre foi um tema de suma importância, sobretudo porque deriva da crítica ao eurocentrismo. Dussel trabalhou com temas históricos desde o início da sua vida intelectual, na década de 1960. Inicialmente, como historiador da Igreja; Em seguida, como um crítico prolífico do eurocentrismo, baseado em reflexões sobre o sistema-mundo, entre outros temas, em torno dos quais se concentrou na década de 1990, encontramos um intenso diálogo com diversas realidades. Valim demonstra a profunda ligação entre Kopenawa (como representante dos povos indígenas do Brasil) e Dussel (como teórico representativo dos intelectuais latino-americanos). Ambas as visões estão perfeitamente alinhadas.

A ideia central de Lopes é francamente instigante: a *babelização* é ocultação. Portanto, o mito bíblico de Babel é compatível com a ideia de ocultação de Dussel. Assim, a incompreensão (seja entre línguas, culturas etc.) deriva do epistemicídio segundo o qual o um (o ego moderno) constitui o Outro como si mesmo e não como o Outro, o radicalmente *Outro*. Isso implica tanto uma recriação do mito articulada com a crítica da modernidade quanto uma revisão da alteridade de Levinas. Além disso, ela também articula um filme que sugere uma forma de exclusão: transformar o igual em diferente. A partir dessa crítica, a libertação torna-se uma crítica a essa exclusão, à alienação do irmão, à incapacidade de formar uma comunidade.

A contribuição de Álvarez é particularmente interessante por considerar a versatilidade das categorias de Dussel. A jovem intelectual parte da trilogia antropológica de Dussel da década de 1960, mas a utiliza para refletir sobre a desumanização contemporânea. A passagem é longa, mas precisa: o excesso de formalidade ao longo dos séculos de escolástica na Europa fez com que, na modernidade, fosse indispensável apagá-la.

Oferecemos aos leitores estes estudos de quem se interessou pela obra de um dos filósofos mais importantes da história contemporânea. O esforço intelectual para recuperar e atualizar a obra de Dussel está destinado a ser continuamente renovado nos próximos anos, visto que as condições que impulsionaram o trabalho sobre esses temas, longe de terminarem, aumentaram e se aprofundaram. Resta-nos a tarefa de pensar juntos sobre a libertação.

Enrique Téllez Fabiani (UNAM), Cidade do México